

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, FEVEREIRO/2019 - ANO XXIII - Nº 265

EDITORIAL

O ESTAFETA completa, neste mês de fevereiro, 22 anos de circulação. Desde então vem mantendo sua linha editorial coerente com os princípios que nortearam a criação da Fundação Christiano Rosa. Seus artigos buscam valorizar nossa cultura, tradições e patrimônio histórico-ambiental. Busca, ainda, despertar nos leitores senso crítico e amor à nossa cidade e ao país, despertando para a consciência cidadã.

Vivemos um momento crítico, com a perda de valores fundamentais para o bem-estar da população. Diferentes formas de corrupção grassam na sociedade. Falta educação política em todos os níveis de governo. Carecemos de bons valores, referências para as gerações de jovens. No cenário político brasileiro, observa-se a falta de patriotismo. Os que estão no poder não o querem perder. Permanecem por falta de humildade para reconhecer erros e admitir que, possivelmente, com outros parâmetros e diretrizes, ideológicas ou conceituais, poder-se-ia administrar melhor.

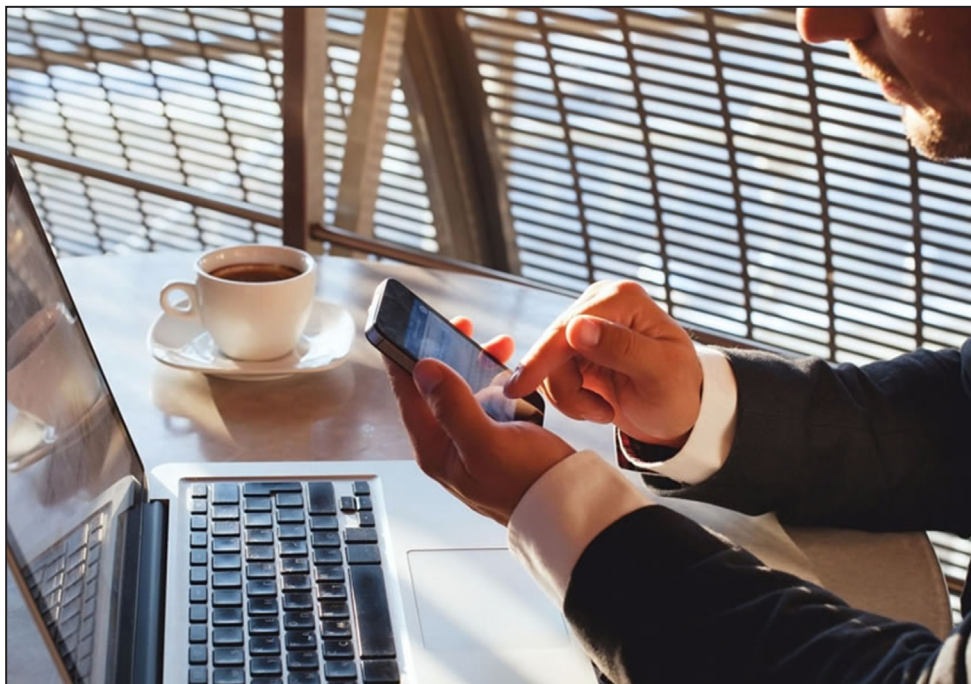
É muito triste admitir que o vendaval que assola o país desestabilizou nossa credibilidade, maculou grupos sociais, manchou pessoas em todos os escalões políticos.

Elegemos representantes para resolver os problemas da população. Constatamos, porém, um espetáculo deprimente de corrupção e fraqueza humana.

Na política não há lugar para individualismo, nem a busca do poder e das benesses do prestígio. Há necessidade de se definir como homem público alguém preparado, com clareza de propósitos e ações, que fundamente suas metas no bem-comum. Precisamos de pessoas voltadas para o bem da nação. Um político preparado se desapega de interesses pessoais e galga degraus de patriotismo, coexiste com a corrupção sem se corromper, transformando-se em um líder que a irá combater.

A orquestra política nacional desafiou. É preciso trocar os desafinados para que o concerto do país seja harmonioso.

O ESTAFETA continuará trabalhando para a construção da consciência cidadã, fortalecendo laços de pertencimento e de patriotismo, com os quais se garante um país mais justo e menos desigual.



Reprodução da Internet

Não se pode ser inconsequente com o que se posta ou compartilha na internet. O uso inadequado das redes é sério e traz consequências na seara da responsabilidade civil. Deve-se, portanto, ser ponderado em temas polêmicos, mesmo que não tenha sido o responsável pela notícia veiculada.

As consequências do mau uso da internet

Acessar a internet diariamente tornou-se realidade para boa parte dos brasileiros. O universo digital tem cada dia mais importância no cotidiano das pessoas. Não importa a classe social ou idade. Os usuários utilizam a internet de diferentes formas, com finalidades pessoal ou profissional. Ainda há, entretanto, muitas dúvidas quanto ao uso dessa moderna ferramenta de comunicação. A facilidade de acesso às redes sociais cresce diariamente. Os lançamentos de aparelhos portáteis com acesso à internet, cada vez mais potentes, fazem com que as pessoas estejam conectadas a cada segundo. Grande parte da população gasta muitas horas do seu dia nas redes. As mensagens recebidas são compartilhadas por uma legião de seguidores. É bom estar atento, no entanto, para o fato de que a internet é pública. Muitas vezes, sem ter a intenção, o usuário acaba prejudicando outros, instilando ódio e violência.

Não se pode ser inconsequente com o que se posta ou compartilha nas redes. Exemplo vivenciado recentemente foi quando da última campanha eleitoral, quando houve uso maciço das redes sociais. A cada momento notícias desse ou daquele candidato eram postadas e imediatamente compartilhadas. Muitas eram “fakes” e, aí, as paixões explodiam. Houve polarização entre dois candidatos e uma guerra cibernética até então inédita.

Deve-se ter cuidado com o que se publica, pois é impressionante a velocidade com que a informação caminha. A partir do momento em que você clica “enviar”, em poucos segundos dezenas, centenas ou milhares de pessoas têm acesso à sua opinião. Não há na internet separação entre o que é pessoal ou não. Você não está falando apenas com seus amigos. Na rede, não se pode levar por paixões ou emoções do momento. O internauta pode, nas redes, postar o que quiser, falar sobre o que quiser e se portar da maneira que quiser. Muitos se expõem criando situações e noticiando assuntos que acreditam ser relevantes. Várias vezes, de maneira irresponsável, envolvem terceiros. Nas redes as pessoas são mais agressivas, mentem mais, cometem injúrias, difamam, passam por cima do legal e do ético. O uso inadequado das redes é sério e traz consequências na seara da responsabilidade civil. Deve-se, portanto, ser ponderado quando do acesso à internet em temas polêmicos, mesmo que não tenha sido o responsável pela notícia veiculada. Você não deve publicar conteúdos com discursos de ódio que sejam ameaçadores ou incitem à violência. O compartilhamento ou curtidas referentes ao conteúdo inicial pode responsabilizá-lo civilmente pelos atos danosos que cometem na internet. Quando percebem, o mal já está feito e apagar já não adianta mais. É preciso, portanto, estar atento e ser responsável no uso da internet e das redes sociais.

Imagem - Memória



Fotos Arquivo Pró-Memória

Administração Gomes Carneiro

Foi em 1932, pouco depois da Revolução Constitucionalista, que surgiu a ideia da criação de uma seção comercial da Fábrica, para vender às indústrias brasileiras, que estavam nascendo o excedente de sua produção, especialmente os ácidos. Foram montados escritórios no Rio de Janeiro e em São Paulo, que logo não dariam conta de atender os numerosos pedidos.

Os rendimentos da seção comercial não constituíam verbas federais e a Fábrica pôde, com eles, executar um gigantesco trabalho no campo social, da saúde e da educação em Piquete. O município, direta ou indiretamente, se beneficiou desses melhoramentos. Foram mais de três décadas de investimentos. Foi um período áureo que acalentou os sonhos dos piquetenses, que usufruíram das benesses proporcionadas pela Fábrica. A partir do término desses investimentos, o crescimento do município desacelerou e, em muitos aspectos, regrediu.

Em 15 de março de 1939, a comemoração do trigésimo aniversário da Fábrica de Pólvora de Piquete foi um marco para o operariado. Um grande programa comemorativo foi executado. Num ambiente de alegria e com grande brilhantismo aconteceram as solenidades tão significativas para aquela indústria militar, que assinalava longa etapa vencida por meio de um ciclo de importantes realizações. Era seu diretor, à época, o coronel José Gomes Carneiro, que assumira a direção em 20 de abril de 1935, substituindo o coronel José Pompeu Cavalcante de Albuquerque. Culto e esclarecido, aliava à sua notória bondade profundo senso de justiça. Trabalhador incansável e devotado, detentor de características de um administrador dinâmico, devem-se à sua personalidade realizadora grandes me-

lhoramentos e ampliações e obras sociais ocorridas na Fábrica.

A administração Gomes Carneiro manteve, sempre, íntima relação com o Executivo municipal. Essa parceria só trouxe benefícios para a cidade.

Com os recursos da seção comercial, aconteceu o aparelhamento das oficinas, que concorreu para maior eficiência da produção. Dentre as principais melhorias e ampliações iniciadas e inauguradas na administração Gomes Carneiro, merecem destaque: as fábricas de nitroglicerina, dinamite e pólvora de base dupla, nova usina de óleo, nova oficina de fundição, refeitório para os funcionários, mestres e operários, dotado de conforto e higiene, novo laboratório químico e experimental, instalação de grelhas mecânicas nas caldeiras da casa de força. Na parte social, uma cidade pobre, isolada e distante de centros mais desenvolvidos, iniciou-se um projeto revolucionário que atendeu ao conforto, higiene e garantiu melhoria das condições de vida social, espiritual e desportiva da cidade: um novo cassino dotado de moderno cinema, novas residências para oficiais, hospital militar, farmácia e gabinete dentário, com todos os recursos disponíveis à época, parque infantil, escola primária para filhos de oficiais, mestres e operários, escola de alfabetização para operários, o Patronato da Fábrica (célula inicial da Escola Industrial da FVP) melhoramentos e iluminação noturna no estádio do Estrela, cinema para operários, vila operária, cantina, açougue e alfaiataria destinados a atender aos piquetenses, construção da Igreja de São José e contribuição para a construção da Igreja Metodista.

Ao registrar o progresso proporcionado

pela Fábrica em todas as direções, fica o reconhecimento pelo empenho e dedicação de seu diretor, Gomes Carneiro. A Fábrica é a consagração do esforço e o testemunho das suas possibilidades à época, sinônimo de progresso que dava orgulho ao país. Obra modelar que substanciava a tenacidade do trabalho, os esforços dos operários e a abnegação do diretor. Oficiais, funcionários e operários, conagrados sob o mesmo ideal de patriotismo, aqui dispenderam seus esforços, sua inteligência e saúde, num sacrifício coletivo pelo progresso de nossa indústria bélica, pelo aperfeiçoamento de seus produtos e pelo renome da técnica militar. Os resultados desses esforços, reconhecidos por todo o país, trouxeram a Piquete, por duas vezes, em julho de 1939 e outubro de 1940, o Presidente da República, Getúlio Vargas.

José Gomes Carneiro deixou a direção da Fábrica depois de seis anos de dedicação integral. Seus sucessores deram continuidade a muitas obras por ele iniciadas e que ficaram na história de Piquete. É desse momento histórico que os piquetenses sentem falta.

Legendas: Visita de Getúlio Vargas a Piquete, em 1939
01) Cel. Gomes Carneiro junto ao Presidente Getúlio Vargas quando da inauguração das torres de iluminação do Campo do Estrela.

02) Cel. Gomes Carneiro, Getúlio Vargas e comitiva saindo do Laboratório Químico da Fábrica.

03) Gomes Carneiro, no Cassino dos Oficiais, apresenta ao Presidente da República sua oficialidade.

04) No interior do Hospital Militar (atual Fórum) o capitão médico, Frederico Eisenlohr, o governador de São Paulo, Adhemar de Barros, o Presidente Getúlio Vargas e o Cel. Gomes Carneiro.

05) Getúlio Vargas e Gomes Carneiro chegando ao Hospital Militar. Atrás de Getúlio, seu Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra.

06) No interior da Fábrica, Cel. Gomes Carneiro discursando para o Presidente Getúlio Vargas. À direita, o governador Adhemar de Barros.

GENTE DA CIDADE

Tonhão do Apollo

Nas décadas de 1980 e 1990, ele estaria excursionando com o Apollo 2001 para animar bailes de Carnaval... Tocavam incansavelmente mais de quatro horas, com pequenos intervalos... “Era tudo programado... Havia continuidade nas músicas e ritmos, de forma que conseguíamos uma sequência que não deixava o folião parar de pular. Foram muitos os carnavais no Prince’s Club, de Caraguatatuba ou na Associação Desportiva, de São José dos Campos”, conta, animado.

Luiz Antônio Leôncio, o simpático Tonhão do Apollo, completará 66 anos no dia 29 de agosto. Quarto entre os dez filhos do casal Pedro Leôncio e Maria Aparecida Silva Leôncio, Tonhão sempre gostou de música. Fala com reverência de Toninho Pirai, Moreno e Geraldo Lemes, seresteiros de Piquete, ressaltando que, desde pequeno, saía, por vezes sem autorização dos pais, para ouvi-los tocar e cantar. Esse prazer era a evidência do dom que carrega...

Adolescente, no início dos anos de 1970, incentivado por Joaquim Alves da Silva, congregado mariano, passou a acompanhar no violão os shows de calouro promovidos pelos padres irmãos José e Joaquim no Centro do Operariado Católico. Lá já tocavam Manezinho e Pedrinho, futuros parceiros dos palcos. Esses concursos, promovidos pelos padres para ocupar o tempo dos jovens, foram comandados pelo J.Ferreira, Geraldo Manquinho e Oswaldo Peixoto. “Passei a tocar já na época do Geraldo Manquinho”, conta, reverente.

Quando os padres José e Joaquim deixaram a cidade, acabaram os shows de calouros. Surgiu, então, a ideia da formação do grupo Apollo 2001, que teve carreira vitoriosa. Tocaram em várias cidades do estado de São Paulo e mesmo em outros estados. Do litoral paulista, de norte a sul, o Apollo comandava os bailes. “O Apollo tem muita história... Havia época em que tocávamos de quinta a domingo, todos as semanas. De cidade em cidade, num ônibus velho, espalhávamos alegria com nossas músicas”, relembra Tonhão, que tocava baixo. “As vezes me arriscava no vocal, em tons mais graves. Interpretava Lulu Santo, Zé Ramalho e João Bosco, confessa, com a voz forte que ainda hoje o distingue.

Tonhão faz questão de contar sua história, que se confunde com a do Apollo, ressaltando que o grupo era uma família. Todos eram amigos de infância, se divertiam juntos e tinham a mesma raiz na música – os



encontros católicos. “Em nossa Piquete, somos uma grande família”, afirma. Os amigos de Tonhão são os amigos que fez no Grupo Escolar Antônio João, onde cursou o primário, no Darwin Félix e no Colégio Leonor Guimarães. Conta que, tendo deixado a escola depois do quarto ano primário, retornou já quando estava no Apollo, incentivado que foi por sua tia e cobrado por Alaor Ferreira, empresário do Apollo, que era professor e foi diretor de escola. “Graças a eles retornei, já mais velho, para a quinta série. Daí levei a sério... Nunca mais repeti”, ressalta.

Depois de terminar o curso de Técnico em Química, no Colégio Delta, em Lorena, Tonhão ingressou na Fábrica Presidente Vargas. Como, paralelamente, mantinha as atividades no Apollo, diz que sempre contou com o apoio da chefia para poder acompanhar o grupo nas viagens: “Sempre havia compensação de horas, mas, várias vezes chegava a ficar quatro noites sem dormir direito, trabalhando na FPV durante o dia e tocando à noite”. E complementa: “Era pesado, mas sempre valeu a pena”.

Casado desde 29 de novembro de 1986 com Eliana Ferraz Leôncio, Tonhão é aposentado da FPV e, como ele mesmo diz, gosta de circular pela cidade. Carismático, está sempre sorrindo e leva alegria por onde quer que esteja. Relembrando os

companheiros do Apollo – alguns que já partiram deste mundo –, lembra o encontro que reuniu parte do Apollo 2001 há cerca de 6 anos... “Foi um grande momento... Todos nos sentimos muito felizes pelo carinho que recebemos dos amigos”, afirma, com um quê de emoção.

Tonhão é simpatia pura. Os bailes do Apollo jamais serão esquecidos. E Tonhão, o baixista, faz parte dessa história como protagonista.

Transformando o amor em atos

Dizem os sábios que os primeiros registros a respeito do amor surgiram ainda na pré-história. Os estudiosos admitem que, em algum momento, por volta de 1.500.000 antes de Cristo, esse sentimento sublime aflorou no coração de nossos mais remotos ancestrais, ou foi por eles, então, percebido. Desde então, a força do amor vem inspirando os homens em suas mais profundas crenças e criações. Sua densidade infinita levou-nos à devoção de deuses, concebidos ante a certeza de que algo tão elevado só poderia ter surgido de instância divina. Na nossa escala de valores, naquilo que cultivamos, geração após geração, ele é a fonte e a razão da própria vida. Sem o alimento que ele fornece, nem religiões, nem artes, nada, enfim, existiria. Esse protagonismo, entretanto, merece uma provocação. O tempo nos fez, também, evoluir. E aquilo em que nos transformamos permite que nos perguntemos se o amor, a despeito do tanto que é e sempre foi, seria, de fato, a mais elevada expressão do que somos como espécie. Será o amor o sentimento que mais nos caracteriza? Aquele que melhor nos distingue dos outros seres da Natureza? Se ele surge espontaneamente, se não depende de nossas decisões quando floresce ou morre, pode, então, estar no topo dos valores que reverenciamos? Nada contra o amor, claro. Sou um apaixonado crônico. Mas penso que essa primazia não cabe a ele e, sim, à solidariedade. Este é, também, um sentimento. E um sentimento que não existe sem o amor. Mas a solidariedade vai além. É o sentimento associado à ação. É o que floresce como amor, porque somos o campo fértil dessa semente, mas que prospera se estendemos a mão ao próximo, àquele que precisa de nós. É o ato racional, e, por isso mesmo, essencialmente humano. É o gesto de estender a mão, de acolher o semelhante, de dividir o pão. Sermos solidários é demonstrar capacidade de transformar o amor em atos. É fazermos jus ao que temos de melhor.

Ricardo Boechat (1952 / 2019)

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Professor Luiz de Castro Pinto, 22

Tels.: (12) 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.



Apollo 2001, no início da década de 1970: José Carlos Moreira, Manezinho, Pedrinho, Tonhão, Airton e Vivaldo

Educação 4.0

A expressão educação 4.0 é inspirada na expressão indústria 4.0, que encontrou na internet das coisas, na inteligência artificial, na linguagem computacional e em muitas outras tecnologias, formas de dinamizar os processos industriais.

Essas tecnologias não impactaram apenas as indústrias; elas reformulam o nosso modo de pensar o trabalho e a educação, pois provocam uma implacável velocidade das informações, facilidade de acesso ao conhecimento e conectividade global.

Alinhada com esse pensamento, a Singularity University, corporação do Vale do Silício que oferece programas educacionais e uma incubadora de empresas, tendo como foco o progresso científico e as tecnologias exponenciais, realiza eventos que inspiram as indústrias e também os serviços. Em 2017, do evento Global Summit, por ela realizada, pôde-se extrair pressupostos que contribuem para o repensar da educação. Vejamos algumas deles:

- Em 2010, 1.8 bilhões de pessoas estavam conectadas à internet. Em 2017 eram 3 bilhões. Entre 2022 e 2025 será o

mundo inteiro. Com mais conexões, mais oportunidades.

- Podemos prever empregos que serão absorvidos pela tecnologia, mas não podemos prever quais empregos vão surgir a partir da tecnologia. A dificuldade incide na velocidade com que isso está acontecendo.

- Automação e inteligência artificial criarão empregos. Podemos tornar qualquer coisa inteligente usando inteligência artificial e ganhar dinheiro com isso. Os Estados Unidos são o país mais automatizado do mundo e em 2018 a sua taxa de desemprego estava em torno de 3,9%. No Brasil, em 2018, a taxa era 12,4%.

Na mesma direção do Global Summit, o relatório de The New Work Order, divulgado pela Foundation for Young Australians (FYA), confirma que, em um futuro próximo, teremos a substituição do trabalho humano por robôs e pela inteligência artificial. Nesse sentido, o relatório recomenda que a escola dê mais ênfase às habilidades digitais e ao empreendedorismo, pois vamos precisar de uma geração de jovens inovadora e empreendedora para

manter o nosso padrão de vida.

Outros elementos que devem ser estimulados, desde os primeiros anos escolares, segundo o relatório, são:

- Desenvolver competências socioemocionais e criativas;
- Saber lidar com pessoas de forma colaborativa;
- Participar em projetos interdisciplinares, que utilizam conhecimentos de diversas disciplinas para um objetivo comum;
- Desenvolver habilidades relacionadas ao STEM (termo em inglês que relaciona as áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática).

Concluindo... A educação 4.0, baseia-se no conceito de learning by doing, o que implica em aprender por meio de experiências, projetos, metodologias ativas e muita mão na massa. E, ao aprender fazendo, o estudante não aprende apenas conceitos, mas desenvolve sua capacidade socioemocional, cognitiva, científica e tecnológica, o que é amplamente comprovado por estudos e pesquisas, o que o torna apto a atuar no mundo atual e futuro. **Laura Chaves**

Basta de tragédias anunciadas!

Passado um mês desde o rompimento da barragem da mina do Córrego do Feijão, em Brumadinho, pouco se fala daquela tragédia que enlutou centenas de famílias e estremeceu o Brasil.

É impossível ficar indiferente a Brumadinho, às famílias que ainda choram à espera de notícias, aos corpos sendo retirados do mar de lama, ao rastro de rejeitos de mineração avançando sobre montanhas de Minas Gerais. A avalanche de resíduos ressaltou falhas do Estado. O Brasil conta com várias leis ambientais que deveriam possibilitar aos agentes do Estado regular, monitorar e impor sanções às atividades que representam risco ambiental – agricultura, madeiras e mineração. As tragédias, no entanto, continuam.

Em novembro de 2015, o colapso da barragem em Mariana tirou a vida de deze-

nove pessoas e liberou milhões de toneladas de lama tóxica que mataram o rio Doce e atingiram o Oceano Atlântico, evidenciando os riscos das barragens que retêm rejeitos de mineração. Desde então, autoridades brasileiras, do Ministério Público às agências federais, estaduais e municipais, e as próprias empresas, deveriam ter assumido o compromisso de realizar uma avaliação mais abrangente sobre a observância das normas ambientais pela indústria de mineração, a fim de evitar destruições e perdas de vidas. Sem que isso ocorresse, no dia 25 de janeiro uma torrente de lama engoliu funcionários e moradores de bairros próximos à represa de Brumadinho. O país ficou em choque com as imagens do rompimento da barragem, em que um tsunami de lama cobre as instalações da mineradora. A extensão dos danos é imensurável. Evidencia-se que o mais importante

ainda não aconteceu: o Brasil acordar para a urgência de se melhorar a fiscalização e a aplicação efetiva das leis.

Mais uma tragédia anunciada. Até quando?

Na mesma semana do rompimento de mais uma barragem da Vale, um incêndio no alojamento do Centro de Treinamento do Flamengo, no Rio de Janeiro, ceifou a vida de dez adolescentes. Dias depois, deslizamentos de encostas em decorrência das fortes chuvas causaram novas vítimas, repetindo verões passados.

O que há em comum entre esses acontecimentos é que poderiam ser evitados se a legislação ambiental fosse seguida. No entanto, este é um país de leis que não são cumpridas; atém-se ao papel.

O governo deve agir para fornecer aos brasileiros a necessária proteção contra essas tragédias anunciadas. Por todo o país muito há por ser feito pelo meio ambiente e, consequentemente, para garantir a melhoria da qualidade de vida da população. Nossos governantes, no entanto, não aprendem. Pautam-se apenas por discussões inócuas e políticas pequenas destinadas a garantir sua permanência no poder.

É preciso que passemos nossa política a limpo. É tempo para mudanças! Que Brumadinho, os jovens do Flamengo e as vítimas das ocupações irregulares de encostas não sejam esquecidos! E que ações efetivas tomem o lugar de discursos e promessas não cumpridas!



Preparação de covas para vítimas do rompimento de barragem em Brumadinho, MG

Reprodução da Internet

Inverno rigoroso congela lago, rua e carros na Europa



Incêndios destroem florestas e casas nos EUA



Fotos: Reprodução da Internet

Os extremos climáticos

Não precisa ser cientista ou mesmo estudioso do clima para verificar que a temperatura do planeta passa por extremos. Neste inverno do hemisfério norte, em algumas regiões dos Estados Unidos e da Europa as autoridades advertiam para o risco de congelamento quase instantâneo das pessoas expostas ao que foi considerado o dia mais frio de todos os tempos em muitas cidades. Escolas, universidades, aeroportos foram fechados enquanto raros ventos polares desciam do Ártico. Ao mesmo tempo, do outro lado do planeta, incêndios devastavam a Austrália, sob calor recorde. O aumento do uso de aparelhos de ar condicionado sobrecarregou as redes elétricas causando falhas de energia generalizadas. Algumas empresas e escolas foram fechadas quando a temperatura atingiu níveis perigosos: quase 47 graus centígrados, como ocorreu, em janeiro, em Adelaide, capital da Austrália meridional.

Esse é o clima na era dos extremos.

Supera extremos de todo tipo em todos os lugares. Essas mudanças climáticas, que ocorrem por todo o mundo, nos levam a refletir sobre o que tem acontecido, o porquê dessa gradativa mudança e o que a sociedade faz para mitigar os efeitos.

Recentemente, recordes de calor foram batidos da Noruega à Argélia. Na Austrália, a seca dura tanto tempo, que uma criança no jardim da infância, provavelmente, nunca viu chuva durante sua vida. Nos Estados Unidos e na Europa, incêndios florestais são recorrentes – no último verão, destruíram vilarejos europeus causando dezenas de vítimas. A mesma onda de calor mata idosos.

É consenso que o clima do planeta mudou. Está cada vez mais quente. O calor e a seca extremos são coerentes com os resultados científicos: mais emissão de gases do efeito estufa na atmosfera acarreta maior probabilidade de temperaturas anormalmente altas. Segundo cientistas, um planeta

mais quente, de modo geral, torna o clima extremo mais frequente e mais intenso.

Quanto às temperaturas extremamente baixas neste inverno, no hemisfério norte, parecem um forte contraste com a tendência de invernos mais quentes. Também podem ser resultado do aquecimento, por estranho que pareça. Pesquisas sugerem que o aquecimento do Ártico está causando mudanças na corrente de jato e empurrando o ar polar para baixo, em latitudes não habituadas a ele e, muitas vezes, despreparadas. Daí o frio atípico neste inverno. Os extremos do clima, portanto, são decorrentes do aquecimento global. Devemos nos preparar para suas consequências. Alguma preparação está condicionada à resiliência. As cidades deverão, por exemplo, se adaptar à necessidade de se controlar a emissão de gases que afetam o efeito estufa. Urge a tomada de atitudes ambientalmente responsáveis e o avanço na capacidade de adaptação às mudanças.

O Quinto do Ouro

Os Inconfidentes Mineiros o apelidaram “Quinto do Inferno” em alusão ao castigo da Divina Comédia de Dante Alighieri.

Era a parte destinada a Portugal de todo o ouro extraído de nossas minas.

Em linguagem atual, seriam vinte (20) partes em cem (100), ou seja, vinte por cento (20%).

Dizem as línguas atentas que muito mais do que isto do nosso ouro e do nosso nióbio trafegam por “caminhos nunca dantes palmilhados”.

Na atividade minerária, concedida a licença para explorar a jazida, ficam determinadas três partes: a da empresa, a do município ou municípios em que está localizada a jazida e a da União, que é a dona do subsolo.

A pesquisa científica é demorada e cara. Por este motivo, muitos projetos importantíssimos são inviabilizados.

A UNESP de Botucatu, SP, acaba de obter êxito em um cicatrizante para úlceras: o selante de fibrina.

Elementos necessários para a pesquisa: sangue de búfalo e veneno de cascavel.

Um cidadão mantém cem (100) búfalos

de sua propriedade tratados adequadamente para que a pesquisa seja realizada.

Para que os trabalhos avancem, a Universidade vai precisar de duzentos e cinquenta (250) búfalos.

Ora: o subsolo pertence à União, pertence a todos os brasileiros.

Não seria razoável que se destinasse o “quinto” de sua parte para a pesquisa em todo o país?

O Ministério de Minas e Energia, o Ministério da Educação e o Ministério de Ciências e Tecnologia criariam um Conselho para estudar os projetos enviados pelas Universidades, pelos Institutos Cíveis e Militares e pelas Empresas. No mês de setembro, mês da Independência, seria publicada a lista de projetos patrocinados no ano seguinte pela nossa atividade minerária.

Sugestões:

1. Quinto do Urânio – Pesquisa de Átomos para Paz; segurança; destinação de resíduos.

2. Quinto do Níobio – Pesquisa Aero-náutica, aeronaves, aeroportos e entornos; campos de pouso estratégico.

3. Quinto do Petróleo – Pesquisa Náu-

tica; embarcações de segurança, de salvamento e de pesca; portos; hidrovias.

4. Quinto do Caulim, da turmalina, da ametista, da esmeralda e do diamante: Educação; Incongruência Política; Desigualdade Social.

5. Quinto do Ferro – Pesquisa em Geologia, Hidrologia e Energia Limpa.

6. Quinto do Cobre e do Estanho – Pesquisa em Comunicação e Meteorologia.

7. Quinto do Manganês e da Cassiterita – Pesquisa em Direito e Economia.

8. Quinto da Bauxita – Pesquisa em Máquinas e Equipamentos.

9. Quinto da Magnesita, da Crisotila, do Granito e do Mármore – Pesquisa em Infraestrutura das Cidades.

E o malfadado “Quinto do Inferno” vai parfar o nosso amado Portugal?

Não!

10. Quinto do Ouro – Pesquisa em Saúde.

O Brasil precisa acordar para a Ciência. A nossa Juventude está ávida de conhecimento.

Sem Pesquisa Científica o país não tirará o pé do atraso. **Abigayl Lea da Silva**

Crônicas Pitorescas

Reino de Momo ou de Baco?

Palmyro Masiero

Carnaval é fogo, irmão! Tem nego que começa a sexta-feira consciente... Então dá início a uma bebericagem social animadora e só retorna à base do raciocínio na manhã da quinta seguinte. Passa o Carnaval e Cinzas movido a álcool, inteiramente sem dono.

Meu saudoso amigo Ilídio Moura morava em uma casa quase atrás do Elefante Branco. Pelas onze e meia da manhã de um domingo de Carnaval, encontrava-se refestelado na poltrona da varanda de seu lar, descansando da noite anterior, quando um conhecido, residente em Lorena, lotado na 4ª Divisão da Fábrica Presidente Vargas, parou frente à sua casa. O homem dançava sem música e estava mais mamado que os antigos bebês Johnson.

– Olá, companheiro – dirigiu-se ao Ilídio.

– Olá – respondeu ele.

– Amigão, resolvi que você vai me convidar para o almoço... Tô morto de fome.

– Mas hoje é domingo – ponderou o dono da casa.

– Ué, não se come nesta casa, aos domingos? – espantou-se o bebum.

– Não é isso... A turma toda esteve no baile à noite e nem levantou ainda. O almoço só vai sair lá pelas três horas.

– O diacho!... É uma pena... Sabe, companheiro, tenho que pagar o próximo

ônibus e chegar em casa ou minha mulher me mata...

– E comentou em tom confidencial:

– Saí da Fábrica na tarde de sexta e engrenei umas biritas com a turma, emendei no sábado, carquei muita cana ontem no Elefante e se não voltar pra casa, tô frito! – tudo dito à meia voz e enrolado.

– Realmente é uma pena... Mas o almoço fica para uma próxima ocasião – propôs o Ilídio.

– É...

Por algum tempo recostado na muretinha do jardim, como um pêndulo de relógio, permaneceu mudo. De repente, alguma nesga não etilica brilhou na cabeça do homem.

– Tá certo, o almoço fica adiado, mas como tô com uma bruta fome, me arranja então um sanduíche com bastante conforto.

Diante de tão refletido pensamento, o Ilídio rendeu-se. D. Wanda preparou um sanduba de Itu e serviu o homem, que comeu sofregamente.

Mas a história não acabou. O Ilídio teve que amparar o “vaqueado” até a Praça da Bandeira, comprar a passagem para Lorena, pois o homem estava duro, e assentá-lo na poltrona.

Podia até apanhar da mulher, mas que viajou “confortavelmente”, viajou.

Carnaval é fogo, irmão!

Os “bois” no carnaval piquetense

O tradicional boi de Carnaval faz parte de nossas festas momescas. Incorporado ao Carnaval de Piquete, é uma expressão incomparável da espontaneidade de nosso povo. Origina-se, provavelmente, do “bumba meu boi”, bailado popular largamente praticado no Brasil, que, por sua vez, remonta ao “Touro da Canastra” e “Tourinhas”, populares em Portugal no século XVI. O boi é tema de bailado universal. Não sabemos precisar quando foi que apareceu o primeiro, em Piquete. Sabemos, no entanto, que na década de 20 eles já faziam parte da folia.

Nos meses de janeiro e fevereiro, pelas

ruas de nossa cidade começam a surgir os primeiros. Construídos a partir de uma armação de taquara recoberta por um pano, pintado nas cores preta e branca, tem na parte da frente uma cabeça de boi e vem acompanhado por duas burricas. A criançada se diverte, assustando e investindo sobre os transeuntes, numa mistura de traquinagem, alegria e descontração.

O boi de Carnaval é genuíno representante do folclore piquetense. Houve anos em que surgiam dezenas em Piquete. Hoje já não se contam tantos nos “pastos” da cidade. Que essa tradição não se perca jamais!



Fotos Arquivo Pró-Memória

Acorda e vem ver a lua!

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

A disputa entre extremos, em curso no Brasil, é cega e covardemente individualista. As irracionalmente apaixonadas postagens em redes sociais demonstram ora desconhecimento de causa, ora visões obtusas que só permitem enxergar o que interessa a quem posta.

Nosso país é injusto, é desigual, é racista, é preconceituoso, é homofóbico. Não sou eu quem afirma isso; são as estatísticas. Um exemplo pessoal: Recentemente, vi uma publicação do Instituto Escolhas (www.escolhas.org) anunciando vagas de bolsas de estudo para jovens negros e de baixa renda. Busquei, mentalmente, em meus contatos, alguém para indicar. Não encontrei! E não são poucos meus amigos negros. Poucos deles, no entanto, tiveram oportunidade de ingressar em faculdades e, ainda mais especificamente, na área requerida para as bolsas.

Há cerca de um mês assisti a um “Slam Poetry”, encontro de poetas que devem apresentar suas obras em um tempo determinado. Eventos como esse são comuns mundo a fora. Os temas das poesias são, majoritariamente, sociais. Uma delas, em especial, me chamou a atenção; de fato, emocionou-me. Era algo assim: *Em terra de meninos de rua, o último a dormir apaga a lua.*

Triste realidade a das gentes de rua de nosso país! Ignorados que são, tratados como coisas – coisas que importunam.

Os versos me lembraram outros, de Patativa do Assaré, sob o mesmo tema: *“Meu bom Jesus Nazareno, pela vossa majestade, fazei que cada pequeno, que vaga pela cidade, tenha boa proteção. Tenha, em vez de uma prisão, aquele medonho inferno, que revolta e desconsola, bom conforto e boa escola, um lápis e um caderno”.*

Ouso considerar-me mais sensível à realidade de nosso país do que muitos que leio nas redes sociais. Ouso considerar-me superior em meus propósitos. Ouso prescrever mais compaixão aos que criticam programas sociais, taxando-os como “esmolas para Va-Ga-Bun-Do”.

Fácil apontar o dedo para beneficiários do bolsa-família, por exemplo, mas ignorar a sonegação de impostos por parte do amigo empresário. Simples ser contra cotas, mas deixar de evidenciar que em sua sala de aula da faculdade contam-se os negros nos dedos de uma das mãos.

Está claro para mim que muito há por se fazer para se estancar a corrupção também nos programas sociais; que o sistema de cotas deve ser paliativo e não uma solução para a péssima qualidade do ensino brasileiro – o público e o privado. Está ainda mais claro pra mim, no entanto, que no nosso Brasil não apenas a lua, mas também o sol e o mar não são iguais para todos. Para grande parcela dos brasileiros, a lua se esconde, o sol serve apenas para queimar e as areias da praia são só oportunidade (nem sempre, ressalte-se) para bicos.

Cresçamos, meus caros! Há que se buscar mais conhecimento do que o provido pela internet. Olhemos para nossos vizinhos, para nossa comunidade. Há muitos que precisam apagar a lua para dormir.

Sede da Fazenda da Limeira, comprada pelo governo federal em 1905*Sanatório Militar em Lavrinhas, no alto da Mantiqueira*

Fotos Arquivo Pró-Memória

Fábrica de Pólvora sem Fumaça: a escolha do local

Durante o governo de Campos Sales, seu Ministro da Guerra, Mal. Mallet, no seu plano de obras previa a construção de um sanatório militar para tuberculosos e de uma fábrica de pólvora sem fumaça.

O Barão da Bocaina, ciente dos planos do Ministro, antecipou-se oferecendo, gratuitamente, terras de sua propriedade ao governo, para que nelas se instalassem as obras desejadas. Promoveu a vinda do Ministro da Guerra, que chegou a Lorena acompanhado de altas patentes do Exército e de técnicos na manhã do dia 11 de janeiro de 1902. No mesmo dia, à tarde, Ministro e comitiva chegaram à Vila do Piquete, onde população e autoridades os receberam com festas. O grupo ficou hospedado no Hotel Santa Cruz, propriedade do Tenente José

Mariano, chefe político local. Na manhã seguinte, rumou para São Francisco dos Campos, vila criada pelo Barão da Bocaina a três léguas de Piquete.

O Ministro e a comitiva permaneceram por três dias em São Francisco, onde, após avaliações técnicas, foi escolhida a planície de Lavrinhas, no alto da Mantiqueira, para a construção do Sanatório, e a região do vale do Rio Benfica, em terras piquetenses, para a construção da fábrica de pólvora. Determinou-se, também, a construção de um ramal férreo que, partindo de Lorena, passasse por Piquete e, em seu ponto final, atingisse a região do Benfica.

Constituiu-se uma comissão construtora do ramal férreo e outra do sanatório militar; e as obras tiveram início imediato.

Mais tarde, em 1904, no governo de Rodrigues Alves, seu Ministro da Guerra, Marechal Argolo, em viagem de inspeção às obras do Exército aqui na região, após minuciosos estudos técnicos, concluiu que a região da fazenda “Estrella do Norte” era mais indicada para a instalação da Fábrica.

O local atendia às exigências estratégicas de segurança devido à topografia, e técnico, pelos recursos naturais. Foi abandonada, então, a oferta inicial do Barão da Bocaina, na região do Benfica.

Em julho de 1905, foi efetivada a compra, pelo governo, das fazendas “Estrella do Norte”, “Limeira”, e “Sertão”. Nesse mesmo mês tiveram início as obras de construção da Fábrica.

Fraternidade e Políticas Públicas

Estamos por iniciar o tempo da Quaresma. A cada ano a Igreja do Brasil propõe a reflexão de um tema relevante para o processo de construção do Reino de Deus em nossa sociedade. Neste ano o tema da Campanha da Fraternidade é “Fraternidade e Políticas Públicas” e o lema é um versículo do livro do Profeta Isaías: “Serás libertado pelo direito e a justiça” (Is 1,27).

O objetivo da Igreja, segundo o texto base publicado pela CNBB, é estimular a participação em políticas públicas, à luz da Palavra de Deus e da Doutrina Social da Igreja, para fortalecer a cidadania e o bem comum, sinais de fraternidade. Para isso é necessário que nossas comunidades conheçam como são formuladas e aplicadas as políticas públicas estabelecidas pelo Estado Brasileiro; aprendam como exigir ética na formulação e na concretização das Políticas Públicas; tenham despertada a consciência da necessidade de que todos os cidadãos se envolvam no processo de construção dessas políticas nas esferas nacional, estadual e municipal; aprendam a ser protagonistas na propositura de Políticas Públicas, sobretudo as que assegurem direitos sociais aos mais frágeis e vulneráveis; promovam formação política de seus membros, especialmente dos jovens, em vista do exercício da cidadania;

suscitem cristãos católicos comprometidos na política como testemunho concreto de uma fé que se coloca a serviço do bem comum.

Falar em Políticas Públicas não é falar em política partidária ou em eleições. Significa referir-se a um conjunto de ações a serem implementadas pelos gestores públicos com o objetivo de promover o bem comum, olhando, sobretudo, pelos mais pobres da sociedade. Políticas Públicas são ações e programas desenvolvidos pelo Estado para garantir e colocar em prática direitos previstos na Constituição Federal, nos tratados e compromissos internacionais assumidos por nosso país e em outras leis. Essas ações podem ser relacionadas à educação, à saúde, aos Direitos Humanos, à assistência social, à economia, à zona rural, às mulheres e tantos outros temas e direitos importantes para a vida.

Em nosso país não temos a cultura democrática da participação popular. Temos uma história marcada por governos monárquicos, autoritários e ditatoriais, o que se reproduz em nossos municípios. Raras são as experiências de administração participativa entre nós. O povo não é consultado na elaboração dos orçamentos, não se criam meios que possibilitem a escuta da população para as tomadas de decisão. Isso gera desinte-

resse do cidadão, enfraquece o processo democrático e cria pequenos ditadores que governam insensíveis às reais necessidades da população.

A Igreja deseja que os cristãos conheçam sua belíssima Doutrina Social e, inspirados nesses princípios evangélicos e não em ideologias partidárias, se insiram no mundo da política como cidadãos que decididamente se dediquem a participar da construção de uma sociedade que democratize o direito e a justiça. Entre as diversas formas de contribuir com a elaboração e aplicação das Políticas Públicas algumas deveriam ter atenção especial de nossas comunidades: os conselhos paritários e os projetos de lei de iniciativa popular, pois são formas concretas de ativa participação da população nos destinos de nossa sociedade.

Que o tempo da Quaresma seja um período de profunda espiritualidade, escuta da Palavra de Deus, oração, esmolas, jejuns e penitências! Que todas essas atividades espirituais nos ajudem a alcançar uma autêntica conversão do coração a Deus, que é nosso Pai, e aos outros, nossos irmãos e irmãs. Que a vontade de Deus seja feita entre nós e que sejamos libertados de tantos males do tempo presente pelo direito e pela justiça social!

Pe. Fabrício Beckmann

Um pouco da história do Carnaval

A origem do Carnaval perde-se no tempo. É uma grande festa popular. Sinônimo de alegria, descontração e grande licenciosidade.

Já dez mil anos a.C., povos se reuniam com os rostos mascarados e os corpos pintados para espantar os demônios da má colheita, numa espécie de carnaval.

Os festejos para a deusa Ísis, a lua, e para o boi sagrado, Ápis, no Egito; as dionisiacas dos gregos; as saturnais, dos romanos; as festas inverniais dos gauleses; as cavalcadas mitológicas e o desfile dos deuses olímpicos do século X, na França; os grosseiros e perigosos bailes à fantasia da Idade Média; as mascaradas italianas dos séculos XVI e XVII; o carnaval veneziano da República dos Doges; os bailes da Ópera de Paris, instituídos pela Regência do século XVIII; a festa dos loucos, dos teutos; os carnavais de Nice e do Rio de Janeiro: evidências de que esse tipo de folguedo coletivo existiu em todas as épocas, regiões, povos e raças. Os excessos que ele permite trouxeram, como consequência, o desejo de que fosse extinto.

A etimologia da palavra que designa essa festa universal não está isenta de controvérsias, geralmente aceitas, de que o Carnaval provém de “carrus navalis”: carro naval, ou seja, um barco transportado em carruagem. E, dentro da embarcação, dançarinos, cantores e lançadores de flores. Mas há quem afirme que a designação da diversão popular tem a sua origem em “carne vale”: liberdade de carne; isto é, permissão



Jovens fantasiadas para o Carnaval, em Piquete. Foto da década de 1930



Bloco “O Guarany”, em Piquete. Foto de 1931.

de comer carne durante a quaresma. Outros dizem que significa justamente o contrário, isto é, despedida da carne (“carnis, carne, e vale, adeus”): abstinência obrigatória de carne no decorrer da Quaresma.

O primeiro Carnaval no Brasil, como festa organizada, aconteceu no Rio de Janeiro, em 31 de março de 1641. Consistiu no desfile de 161 cavaleiros encamisados, isto é, fantasiados, seguidos de dois carros ornados, em que tocavam os únicos músicos então existentes na cidade.

Desde então é o divertimento máximo do povo. Pagão e livre, ele simboliza a igualdade. O disfarce nivela a todos e esconde mágoas e tristezas, rancores e vinditas, amores e paixões.

Dançar, cantar, folgar, dar ao corpo e ao espírito a maior independência. Sons, cantos, frenesis, cores, odores, príncipes, bruxos, índios, diabos, pierrôs, cupidos, palhaços, burros, bufões, máscaras alegres e tristes etc.

Assim é hoje; assim foi ontem. Com a diferença de que, antes, era o barulho dos pandeiros, violas, chocalhos, reco-reco, trombetas e, principalmente, das zabumbas, que ensurdecia os pobre mortais.

Outro divertimento carnavalesco da população era o entrudo. Praticado com ovos e limões de cera colorida cheios de água perfumada com essências de canela e benjoim lançados sobre os transeuntes, com o auxílio de seringas e bisnagas ou com água suja arremessada das casas e sobrados. E, para completar a brincadeira, eram besuntados com farinha, alvaiade ou vermelhão os que já estavam molhados. Durante três dias, era uma lavagem ou... emporcalhamento dos transeuntes e dos que caíam na tolice de fazer visitas. Saíam delas aguados! Não havia quem deixasse de tomar parte no divertimento.

Ao longo dos tempos, o Carnaval foi se transformando. Das ruas ganhou os salões,

com grandes bailes de máscaras e batalhas de confetes e serpentinas.

No início do século XX, surgiram os cordões, os ranchos, os corsos e os desfiles de rua.

Muitos foliões formam conjuntos simples, sem fantasias ou alegorias. Eram os blocos carnavalescos de sujos ou de rua.

No final dos anos 20, surgiram no Rio de Janeiro as escolas de samba, que cresceram e passaram a “brigar” pela vitória. Essa

luta saudável levou as escolas a evoluir para o profissionalismo de nossos dias.

Em qualquer versão que se pense o Carnaval, fevereiro ou março são meses intensamente esperado pelos povos, desde os antigos até aos nossos dias. AC



“Cegonha”, fantasia de Miguel de Castro premiada pela originalidade num Carnaval da década de 1960



Crianças fantasiadas para o Carnaval, em Piquete. Foto da década de 1960